

Música

FOTOS BANCO DE DADOS/ZH



Paz e amor em Woodstock

O bebê da foto acima, gerado em Woodstock, vai completar 30 anos no próximo mês. O cobertor da foto aí debaixo está provavelmente extinto, ou fatalmente puído, depois de aquecer o casal da foto mais clássica do mais importante dos festivais da história do rock. Woodstock foram os três dias de paz, amor e música definitivos da era hippie. Realizado na fazenda de Max Yasgur, em Bethel, Woodstock

arrebANHOU 450 mil malucos beleza em busca de sexo, drogas e rock. Símbolo de uma geração, a celebração gerou inúmeros filhos, como o Lollapalooza e o gaúcho Cio da Terra, e duas grandes comemorações: uma delas em 1994, em Saugerties, a outra, neste final de semana, na extinta base aérea de Rome. Woodstock. Forever rocking and rolling... Saiba mais sobre o histórico festival na página a seguir.



Arquivo de Jornais
Zero Hora
 NOVO ENDEREÇO:
 Rua Clóvis de Castro, 111
 Av. Itália

JORNAIS ANTIGOS PARA VENDA

Atendimento ao público: terças, quartas e sextas, das 8h às 18h30min às 18h

11 EXEMPLARES DA 2ª EDIÇÃO - CIRCULAÇÃO GRANDE FOM

Imobilizações
 - Avaliação Precisa e
 - Avaliação Precisa e
 - Estabilidade Masculina
 - Estabilidade Masculina e Fêmea

Dr. Bayard

Rua Florêncio Ygartua 374, Poe-RS
 332. 31 91 / 331. 96 82

Cinemas

TODA SAGA TEM UM COMEÇO

STAR WARS
EPISÓDIO I
 A AMEAÇA FANTASMA

12/15

ASSISTA NOS MELHORES CINEMAS
 CÓPIAS DUPLADAS E LEGENDADAS

Com Tom Mccormack e Julie Swartz

Nascido com privilégios
 Privilegiado

Três vezes casado
 Não sabe a sua cor

EM LUTA PELO AMOR

DES MEMÓRIAS PROIBIDAS DE
 SÓ DAS DA PALHAÇA

12/15

ASSISTA NOS MELHORES CINEMAS
 COMBITE ANTÍDOTO

Ele aterrissou nos cinemas...
 e vai fazer as férias da molecada!

12/15

MEU MARCIANO FAVORITO

relembra sua infância

12/15

HOJE NOS CINEMAS

Música

O sonho inocente

MARCELO FERLA

Para um mundo que adora reminiscências, os 30 anos do Woodstock são um alento. Foi em 17 de agosto de 1969 que, de fato, o sonho acabou. Logo depois de ter começado, três dias antes. Woodstock foi uma grande festa hippie, ao ar livre, com trilha sonora roqueira. Um desafio utópico, uma rave bicho-grilo, uma celebração de jovens que o *establishment* acusava de malucos – sim eram malucos, e eram 450 mil, e repudiavam a vergonhosa matança do Vietnã. “E nós é que somos loucos?” bem que poderia ser o subtítulo do lema “três dias de paz, amor e música”. Mas o mítico festival dos pombinhos no violão (símbolo gráfico da festa) não foi só o que pareceu ser. Nem mesmo aconteceu no lugar que lhe dá nome. A sede foi uma fazenda próxima, na fazenda de Max Yasgur, em Bethel, porque os moradores de Woodstock, onde ocorreria a celebração, se recusaram a conviver com pontas de maconha no seu pátio, cercas quebradas e casais de cabeludos pregando (e fazendo) amor livre entre os tarros de leite depositados às suas portas. Woodstock também não teve o prazer de receber seu homenageado. O então “refugiado” Bob Dylan, para quem o festival foi organizado, resolveu ficar em casa, localizada a 50 quilômetros da festa.

Já que Dylan não ia a concertos, decidimos levar um até ele – resumiu Joel Rosenman, principal produtor do festival, junto com Michael Lang. Não adiantou.

Duas semanas depois, Dylan (recluso desde que se acidentou de moto em 1966) se apresentou bem mais longe, na Ilha de Wight, no canal da Mancha, costa sul da Grã-Bretanha. Em Woodstock, Dylan receberia um cachê simbólico. Em Wight,

recebeu polpudos US\$ 84 mil, nada mal para a época.

Woodstock também foi paradoxal ao estipular preços para os ingressos (US\$ 6 por dia), uma heresia para uma celebração tão aquariana, alternativa e precursora de uma era que repudiava os valores materiais. No fim das contas, a festa foi quase de graça. A horda de ripongas com seus mantras e mantos, barracas e badulaques hindus, colares de contas e pontas de baseados fumegantes, quilômetros de cabelos adornados por bandanas psicodélicas e mãos estendidas para o próximo – e para os chicletinhos químicos que davam barato – recebeu em *fast forward* um militante do MST, derubou as cercas que delimitavam a área estabelecida para a festa e tomou conta do lugar. Lindo, não tivessem Rosenman e Lang vendido os direitos para a Warner filmar o sonho hippie e transformá-lo em produto cinematográfico e, só por isso, terem liberado a entrada. Quer dizer, as verdinhas já estavam no bolso – pelo menos, Rosenman e Lang não contaram para os altivos invasores, convictos de que tudo era uma questão de manter a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranqüilo e que “não se amarravam em dinheiro não”, na sua ingenuidade riponga.

Apesar dos moradores de Woodstock, e do mal-graduado Bob Dylan, e da cobrança de ingressos desfeita com o *little help* de uma multinacional – e apesar de não terem sido inventados os banheiros químicos na época –, Woodstock foi tudo. Foi o sonho perfeito da inocência, três dias de viagem para muito além das 24 horas, de amor livre – e ele durou até a Aids –, de afirmação da juventude. Woodstock não foi precursor, porque Monterey rolou dois anos antes, para 200 mil pessoas, no auge do verão californiano, e porque os jovens hippies já tinham se estabelecido como uma tribo libertária e, por consequência, perigosa. Mas se tornou o símbolo defini-

tivo de uma época de absoluto desbunde utópico. Sobretudo por causa da música, o rock em seu melhor momento. Por causa da bendita rouquidão de Joe Cocker, da alma soul de Richie Havens, dos solos cirúrgicos de Alvin Lee, do quebra-galho Jon Sebastian, da afinação vocal de Crosby, Stills, Nash & Young (o homem que nos ensinou que o rock não enferruja), da invocação de Santana, das guitarras quebradas do Who. Certamente por causa de Jimi Hendrix, um Deus da guitarra que foi capaz de fazer os contestadores do Vietnã pararem para ouvir o hino norte-americano. Naquele momento, ser compatriota de Hendrix era motivo suficiente para sentir orgulho da pátria americana. Para os filhos de Woodstock, provavelmente o único.

Os três dias de paz, amor e música nas montanhas localizadas a 200 quilômetros de Nova York foram os mais significativos de um sonho. A realidade americana, em agosto de 1969, já pegava carona em multinacionais e motivos excusos. Já havia dinheiro rolando naquela celebração. Mas o astral foi legal e não houve morte como no festival de Altamond, quatro meses depois, nem overdoses de mitos como as de Hendrix e Janis Joplin (que participou do festival, apesar de não estar incluída em discos e no filme por questões contratuais), um ano depois, nem tinha uma expressão determinação corporativista como a de suas reedições de aniversário (a de 1994, em Saugerties, e a de 1999, que está acontecendo neste final de semana, em Rome, nos Estados Unidos). Woodstock será, eternamente, o apogeu de uma geração, o festival citado em qualquer reunião que agregue músicas e barracas – e drogas e sexo, por debaixo dos panos como convém à hipocrisia humana. Woodstock, sejamos sinceros, não foi só o que o marketing hippie encarregou de consagrar. Mas foi o mais concreto sonho de sexo, drogas e rock do qual já se ouviu falar.



ARTE DE FERNANDO GONDA SOBRE FOTO DE BANCO DE DADOS/ZH

Parabéns a você

Feito filme pop de grande bilheteria, Woodstock ganhou reedições. A primeira grandiosa foi realizada em 1994, quando se comemoraram as bodas de prata do festival, em Saugerties, próximo de Bethel. O clima revivalista teve os mesmos produtores da celebração original e uma organização muito maior do que a da anarquia do junho de 69. Mesmo assim, em meio ao temporal que deixou a festa com cara do Woodstock original, na melhor linha do caos à lama, boa parte do povo acabou entrando gratuitamente.

De sexta até este domingo, a cidade de Rome, em Nova York, está comemorando os 30 anos de Woodstock em outro grande festival ao ar livre. Como a celebração de 1994, com transmissão direta por pay-per-view, policiamento permanente, áreas reservadas para consumo de álcool, ingressos caros (US\$ 150) e uso de drogas proibido (só não tem aeróbica do Senhor). Escancaradamente comerciais, as edições anos 90 tentaram preservar, por outro lado, o espírito libertário da edição original. Com méritos musicais. A de 1994 conseguiu levar Bob Dylan, embora o melhor show tenha sido do Nine Inch Nails. A deste final de semana tem escalados dois nomes imprescindíveis para quem deseja entender a música do final de século: Moby e Chemical Brothers.

Mais que suas reedições de homenagem, Woodstock – e os contemporâneos Glastonbury, Wight, Monterrey, Altamond – inspirou um bocado de eventos com características semelhantes ao redor do mundo, do Rock in Rio ao Planeta Atlântida. O mais importante de todos foi o Lollapalooza, repetidor dos conceitos Woodstock adaptados ao seu tempo, princípio dos anos 90, e responsável pelo – até agora – último suspiro roqueiro de qualidade, com a elevação de bandas então alternativas ao sucesso mundial.

Por mais que os roqueiros radicais possam estranhar – ou contestar –, a manifestação mais próxima dos ideais libertários de Woodstock desde a sua criação nasceu na Inglaterra, na virada da década de 80. Foram as raves, que reuniam milhares de pessoas em festas clandestinas (logo proibidas pelo governo britânico), regadas a muita sexo (seguir), drogas (o ecstasy) e a música com o espírito mais roqueiro e viajando do final do milênio (a eletrônica).



BANCO DE DADOS/ZH - 12/8/94

Woodstock '94: do caos à lama, três dias de festa em Saugerties

Cio da Terra, a versão gaúcha

Woodstock chegou com atraso ao Rio Grande do Sul. Entre os dias 29 e 31 de outubro de 1982, aproximadamente 8 mil pessoas lotaram com suas barracas o Parque da Festa da Uva, em Caxias do Sul, para participar do 1º (e último) Encontro da Juventude Gaúcha – Cio da Terra. A contracultura temporária acampou na Serra trazendo amor livre, artesanato em osso, rango integral, vinho de graça, flores nos cabelos e cigarros de maconha. E, como em Woodstock, chuva, lama e falta de banheiros.

O evento, organizado pela União Estadual dos Estudantes (UEE), tentou garantir uma porção “cabeça” promovendo debates sobre televisão, teatro, literatura, sindicalismo, ecologia e mulher, com Ittala Nandi, Vitor Ramil, Caio Fernando Abreu, Eduardo “Peninha” Bueno, Luiz de Miranda, Miguel Rossetto, Paulo Paim e Giba Assis Brasil, entre outros.

Mas a porção odara se divertia mesmo com os shows em cima e em baixo do palco. Havia Sivuca, Jorge Mautner, Premeditando o Breque, Ednardo, Geraldo Azevedo, grupo Tarancón, e os gaúchos Cenair Maicá, Raiz de Pedra, Nei Lisboa, Nelson



BANCO DE DADOS/ZH - 31/10/82

Coelho de Castro, Bebeto Alves e Saracura. Uma cachoeira logo serviu de cenário para performances naturistas.

Eber Marzulo, 36 anos, hoje professor de Arquitetura na UFRGS, era da organização do evento e entendia que o movimento estudantil precisava se reciclar:

– O Cio era um híbrido: metade anos 60, com drogas e amor livre, metade ambientalismo e comportamento. Foi o encerramento para um ciclo interrompido pela ditadura, em 1968.

A convivência das metades não era harmônica. O jornalista e escritor Juremir Machado da Silva, então anarquista e estudante de História na PUC, lembra de ações “terroristas” durante o Cio na Serra. Ele próprio participou de dois debates.

– Não estávamos só enterrando a ditadura (em 1982, aconteceu a primeira eleição direta para governador desde 1962), estávamos enterrando o discurso conservador no movimento estudantil e na política. Os militantes queriam tirar propostas, nós queríamos sexo, drogas e rock'n'roll. (Renato Mendonça)

OS ESCALADOS

Confira algumas das principais atrações dos três dias de paz, amor e música do Woodstock '69

- | | | | |
|------------------------------|------------------------|---------------|-----------------|
| Arlo Guthrie | Grateful Dead | Joan Baez | Ravi Shankar |
| Blood, Sweat & Tears | Incredible String Band | Joe Cocker | Richie Havens |
| Canned Heat | Iron Butterfly | Joe Sebastian | Santana |
| Crosby, Stills, Nash & Young | Jefferson Airplane | Johnny Winter | Sha Na Na |
| Credence Clearwater Revival | Janis Joplin | Melanie | Ten Years After |
| | Jimi Hendrix | Mountain | The Who |

Woodstock foi o apogeu do trinômio sexo, drogas e rock'n'roll